

Filhos de Mãe Desconhecida

Eles tinham nascido não de um ventre, mas de uma ferida. Por isso, nada tinham que lembrasse nem de longe a beleza. Não eram grandes, eram bem pequenos e muito pouco perceptíveis. Emitiam ruídos surdos. Tinham um cheiro que invadia tudo como se fosse uma enchente e lembrava coisa velha, embora alguns deles não tivessem mais idade que os insetos. Eram pardos e eram muitos. Estavam disseminados por toda a superfície da terra, às vezes escondidos em cantos impensáveis, às vezes obscenamente expostos como fraturas.

Não havia, entre eles, nenhum sentido consciente de irmandade. As suas ligações eram tênues, mesmo que absolutamente concretas. Um se reconhecia no outro. Cada qual, no entanto, estava separado dos restantes por um mundo inteiro. Essa distância somente era vencida quando eles lutavam, sem o saber, contra o mundo, numa luta que resultava, também, na sua própria destruição. Por isso, não acontecia mais do que uma única vez na curta existência de cada um.

Como sempre eram vistos de cima até pelos que seriam seus iguais, aprenderam a não olhar, ainda que enxergando. A não existir, principalmente quando estivessem vivos. Mesmo assim, pareciam próximos demais para que fossem totalmente ignorados. O seu tamanho era toda densidade e quanto menores, mais pesados. A sua força era antes um defeito, a sua resistência era sobretudo um vício. Nada tinham de suave, pois quando só poderiam esperar, agiam; quando tinham que temer, destruíam. E nunca morriam quando e como deveriam.

Por isso, foram exterminados. A perda não foi grande. Aliás, foi um ganho. Não há mais que encarar nenhum rosto encardido de sujeira, de olhos duros de desesperança e malícia, novo por fora e carcomido pela velhice da terra por dentro; não há mais nenhuma boca de dentes-de-leite podres, nem mais nenhum corpo precocemente corrompido a exigir, por sua simples presença, atenção; não há mais aquele cheiro entranhado na paisagem; não há mais paisagem entulhada com seus escombros orgânicos. Agora, sim, é possível viver em paz.

Josimey Costa da Silva

Natal, 01 de maio de 1996